



Apoio



# ESCOLA COMO AMBIENTE INTERCULTURAL:

fortalecendo práticas educativas  
para a sensibilidade às diferenças  
na Educação Básica

**Guia Prático para  
Docentes e Gestores**

**Marília Menezes Nascimento Souza Carvalho, Nayara Ferreira Santos, José Américo Santos Menezes, Ana Maria Matos Santos**  
Revisão: Ana Márcia Barbosa dos Santos Santana  
Projeto gráfico e ilustração: Clara Júlia Leite



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Escola como ambiente intercultural [livro eletrônico] : fortalecendo práticas educativas para a sensibilidade às diferenças na educação básica : guia prático para docentes e gestores / Marília Menezes Nascimento Souza Carvalho...[et al.] ; ilustração Clara Júlia Leite. -- São Cristóvão, SE : Ed. dos Autores, 2025.

PDF

Outros autores: Nayara Ferreira Santos, José Américo Santos Menezes, Ana Maria Matos Santos. Bibliografia.

ISBN 978-65-01-32610-8

1. Ambiente escolar 2. Diversidade cultural  
3. Educação básica 4. Educação intercultural  
5. Professores - Formação I. Carvalho, Marília Menezes Nascimento Souza. II. Santos, Nayara Ferreira. III. Menezes, José Américo Santos. IV. Santos, Ana Maria Matos. V. Leite, Clara Júlia.

25-251852

CDD-370.71

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Professores : Formação : Educação 370.71

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



**Apresentação 4**  
**Sobre a organização 13**

**01** Por que devemos ter uma escola intercultural? 14

**02** Das trilhas abertas, caminhos possíveis 21

2.1 Estratégias didático-metodológicas para práticas educativas 21

2.2 Ações no âmbito das práticas escolares 29

**03** Estratégias de formação docente em serviço 32

**04** Lista de recursos didáticos para utilização na Educação Básica 36

4.1 Canais do Youtube sobre a diversidade 37

4.2 Livros para formação docente 38

4.3 Livros infanto-juvenis 39

4.4 Músicas que exaltam a diferença e a diversidade cultural brasileira 49

4.5 Filmes/ documentários/séries 51

**Referências 53**

**Conheça os autores 54**



# Apresentação

A sociedade brasileira, apesar das recentes investidas antidemocrática por determinados setores da sociedade, vem vigorosamente resistindo e lutando para aperfeiçoar nossa democracia. Para tanto, minorias excluídas historicamente precisam ter atenção especial de políticas de Estado que atuem na diminuição da exclusão social e melhoria na qualidade de vida.

Nessa perspectiva, **a educação escolar representa uma dupla ação necessária, inadiável e carregada de esperança no enfrentamento das desigualdades sociais que produzem fortes e sofridas exclusões.** A primeira ação é que por meio de uma educação inclusiva, as minorias

excluídas encontram caminho concreto para inserção social com participação na dinâmica dos processos produtivos de bens materiais e de bens culturais. A segunda ação, diz respeito a necessária formação das novas gerações com outra mentalidade e ação cidadã acerca da diversidade, resultando em novos paradigmas de convívio e relações interpessoais e sociais entre os diferentes

O necessário e inadiável investimento na formação de novas gerações numa perspectiva inclusiva crítica se constitui em uma ação de resistência humanitária, efetiva e esperançosa para combater as desigualdades sociais e produzir **melhoria na qualidade de SER e VIVER** de todos os cidadãos e cidadãs. Daí a necessidade de um conjunto de esforços em torno da educação escolar.

Este e-book vai ao encontro deste esforço e é fruto de uma trajetória de pesquisa que vem se desenvolvendo desde 2019, envolvendo a formação para a sensibilização às diferenças a partir das práticas educativas na Educação Básica. O processo investigativo que dá base a essa construção se inicia com a **tese de Doutorado da Professora Marília Menezes N. S. Carvalho (2023)**, coordenadora do projeto que deu origem a este produto. A temática da educação sensível às diferenças, com ênfase na formação de professores de Educação Física orientou a pesquisa, buscando apontar possibilidades de organização da experiência da formação docente.

O nosso argumento basilar está no reconhecimento do corpo como lugar da experiência no mundo. E da tão almejada sensibilização às diferenças como processo que envolve o desenvolvimento da percepção e da sensoria-

lidade, mas não aquela reduzida ao complexo sistema neurológico e sua interface com a estrutura musculoesquelética. Entendemos o corpo na sua dimensão histórica e social, ancorado na cultura e atravessado por ela. Não há percepção que não esteja envolta em valores culturais de cada contexto. E chamamos atenção para a complexidade do contexto cultural contemporâneo, as relações de poder, a mobilidade geográfica, a diáspora africana, os processos de colonização, o patriarcado, o sistema político-econômico neoliberal e toda a complexa teia de relações e assimetrias que reverberam nas interações sociais.

A partir da Antropologia e da Sociologia do corpo, aliada aos estudos culturais e às teorizações da decolonialidade, discutimos a necessidade de processos educativos que dialoguem com corpos social e historicamente

situados. Defendemos a necessidade de práticas que criem ambiências mais inclusivas, capazes de desestabilizar hierarquias de poder já arraigadas no tempo presente, podendo afetar os corpos aprendentes com outros valores, outras percepções e outras possibilidades, mais justas, de interação social.

Entendemos que, inexoravelmente, a educação compreende a cultura, e, seja ela no contexto social amplo ou formal no espaço escolar, consciente ou inconscientemente, compreende o corpo. É preciso, pois, considerar que “tanto os corpos individuais como os coletivos são corpos sociais” (SANTOS, 2019, p. 136) e estão sujeitos às narrativas de seu tempo, da história de seu povo e da humanidade. Assim, desenvolvemos nossa base teórica a partir da relação educação-corpo-cultura.

Para além da escola, cada sociedade específica, em diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada, ensina o corpo a ser e expressar-se desse e/ou daquele jeito. Mesmo no interior de uma mesma sociedade o corpo se expressa de acordo com sua historicidade, com as relações que estabelece ao longo de sua vida, e com a sua história pessoal (LE BRETON, 2007, 2016).

A partir do referencial adotado, compreendemos que essa práxis não se materializa a partir de um discurso em defesa da justiça ou de um contato teórico instrumental com as leis que respaldam as sociedades democráticas. Como corpos que somos, aprendemos na experiência das interações, do encontro com o outro, na qualidade das relações que nos são possíveis e viáveis. Nesse sentido, argumentamos em favor de um conhecimento com o corpo.

O que nos mobiliza é o anseio por uma educação efetivamente democrática, e democratizante. Uma educação que se materializa por meio de uma práxis inclusiva, fortalecendo uma ambiência intercultural, crítica e amparada na justiça social e nos direitos humanos.

Desde 2023, avançamos no desenvolvimento de pesquisas e práticas educativas que compreendem a escola enquanto um laboratório de experiências interculturais. Esse guia aqui apresentado enquanto proposta de inovação tecnológica voltada para o desenvolvimento da educação, alicerça-se em outras duas pesquisas anteriores.

O projeto de inovação social desenvolvido na Universidade Federal de Sergipe, intitulado “Laboratório de Experiências Interculturais: docência e sensibilidade às diferenças”, foi

financiado com bolsa remunerada pelo Edital Socialize-se nº 04/2023 AGITTE/POSGRAP/UFS. Teve por objetivo criar uma nova estratégia formacional, pautada na criação de experiências interculturais, que atuou junto à licenciatura em Educação Física, com foco na sensibilização docente para a percepção e mediação das diferenças no âmbito da Educação Básica.

As experiências vividas no percurso da materialização do projeto tiveram a finalidade de criar um ambiente qualificado na promoção de experiências culturais múltiplas, com a valorização do corpo que aprende, permitindo o diálogo com e sobre as diferenças, como caminho para provocar percepções outras e a democratização das e nas relações.

Metodologicamente, os encontros foram organizados com finalidades denominadas em

experiências de sensibilização, experiências de aproximação e problematização de temas relativos à diversidade cultural e experiências de criação de mediação intercultural. As formas de afetar o sentir foram diversas, como o trabalho com a autobiografia, diálogos intersubjetivos com outras histórias de vidas, interações através da arte (poesia, documentário, música, expressão corporal, dança, pintura).

Esse composto de vivências proporcionou aos participantes, docentes em formação, a noção de comunidade e pertença sociocultural, o que diminuiu as distâncias físicas e psicológicas e permitiu-lhes entrar em reflexões e diálogos a respeito de si e do “outro” social, bem como das situações de injustiça e das violências comuns no cotidiano de suas vidas enquanto sujeitos brasileiros/as e sergipanos/as. Acompanhamos momentos de desabafos e a liberdade de poder

expor suas vulnerabilidades em falas e ações, a partir da experiência corporal de cada um, enquanto sujeito que carrega as marcas da diferença (um sujeito/corpo social).

O questionamento e a sensibilização para situações problemáticas foram progressivamente percebidos e trazidos para os encontros. Dentre as conclusões, foi perceptível que aquelas experiências construíram uma lógica outra de percepção das diferenças no contexto social, em que começaram a se perceber como capazes de afetar e sensibilizar por meio da ação pedagógica.

O outro projeto presente nesta proposta trata-se do projeto de Iniciação Científica desenvolvido por estudantes voluntárias do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (Codap/UFS),

através do Edital nº 01/2023 NEPEEB/CODAP/UFS (PIBIC EM), intitulado Laboratório de experiências interculturais: práticas escolares e a sensibilidade às diferenças.

O projeto teve como objetivo identificar práticas escolares de instituições públicas sergipanas que propõem ações pedagógicas anunciadas com propósito de mediar e promover relações entre as diferenças em análise com a percepção de estudantes, sujeitos dessas experiências, quanto à sua sensibilidade para as diferenças. A pesquisa foi realizada no Codap/UFS e envolveu a produção de dados juntos a docentes e estudantes.

Os resultados identificados apontaram caminhos importantes para pensarmos o fortalecimento de escolas comprometidas com o convívio respeitoso entre as diferenças

e a formação de sujeitos sensíveis e engajados com a paz e a justiça social, permitindo-nos avançar no delineamento de práticas educativas que atuam no fortalecimento de ambiências interculturais, no contexto da Educação Básica, ao criar, favorecer, ampliar ou potencializar o diálogo com as diferenças, a compreensão das sociedades multiculturais e seus desafios, a percepção e respeito ao outro social, a inclusão e a adoção de atitudes de respeito e conseqüentemente o fortalecimento da cultura de paz.

Para o desenvolvimento deste Guia, também buscamos nos aproximar de práticas educativas já experienciadas por instituições da Rede Pública Estadual de Sergipe. Analisamos banners de apresentação de projetos de educação antirracista desenvolvidos por escolas que receberam o Selo Escola Antirracista Maria Beatriz Nascimento entre 2023 e 2024 e que

estiveram expostos em evento de lançamento do Protocolo Antirracista, promovido pela Secretaria de Estado da Educação e da Cultura, realizado na UFS, em setembro de 2024.

Realizamos mais um mapeamento de práticas educativas já experienciadas em escolas públicas que priorizam uma educação crítica e que valoriza a diversidade cultural e a justiça social. Analisamos o potencial dessas práticas na qualificação de ambientes interculturais, capazes de afetar as sensibilidades para uma presença outra no mundo, fortalecendo a paz, o direito à diferença, o convívio, a justiça e as relações democráticas.

A partir desse percurso investigativo, pautado pelo diálogo com a práxis e a produção de uma teorização viva e socialmente ancorada, atuamos na organização deste Guia Prático **“Escola como**

**ambiente intercultural: fortalecendo práticas educativas para a sensibilidade às diferenças na Educação Básica”**, voltado, especialmente, para docentes e gestores de escolas.

Este produto é financiado pelo edital INOVEEDU Nº 12/2024 AGITTE/POSGRAP/PROGRAD/UFS e contou com a atuação de uma equipe de pesquisa composta por uma bolsista, a estudante de Pedagogia Nayara Ferreira dos Santos e uma voluntária, a estudante de licenciatura em Educação Física, Ana Maria Matos Santos. A coordenação é da Professora Doutora Marília Menezes Nascimento Souza Carvalho, lotada no Codap/UFS e a coordenação adjunta do Professor Doutor José Américo Menezes Santos, docente do Departamento de Educação Física/UFS.

Neste e-book apresentamos uma série de

estratégias didáticas e metodológicas que podem ser realizadas ou recriadas para o desenvolvimento de práticas educativas voltadas para a sensibilização às diferenças. Apontamos ainda, caminhos possíveis ou, talvez, trilhas inspiradoras para ações de organização e práticas escolares, bem como de formação em serviço que possam fortalecer o ambiente intercultural no contexto escolar.

Nosso objetivo foi criar um guia prático para docentes e gestores escolares em formato e-book, com orientações para o desenvolvimento de práticas educativas comprometidas com a sensibilização de estudantes da Educação Básica para o convívio respeitoso entre as diferenças. Assim, trata-se de Guia, não de uma fórmula. Os caminhos para a sensibilização são múltiplos e assim como os corpos e suas experiências, são singulares. Vale destacar a perspectiva de uma leitura e interação crítica e criativa com as

estratégias aqui compartilhadas.

Destacamos, ainda, que não se trata de um texto de fundamentação teórica, mas ressaltamos que é um texto teoricamente fundamentado e amparado, dialogicamente, na nossa experiência atenta e engajada, além das vivências e de outros docentes sensíveis, que já atuam de modo a criar experiências de sensibilização às diferenças para o tratamento de diferentes marcadores sociais. A esses docentes e também aos discentes, que contribuíram com as pesquisas que ampararam a organização aqui apresentada, externamos a nossa gratidão e respeito.

**Por fim, nos colocamos numa perspectiva de diálogo e convidamos à ousadia de criar uma escola intercultural, verdadeiro laboratório de experiências para a sensibilização às diferenças. Vamos juntos/as, vamos de mãos dadas!**

Este projeto, pela sua natureza e metodologia, contempla os seguintes **objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS)**:



**Objetivo 4 - Educação de Qualidade** - Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos;



**Objetivo 5 - Igualdade de Gênero** - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas;



**Objetivo 10 - Redução das Desigualdades** - Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles;



**Objetivo 16 - Paz, Justiça e Instituições Eficazes** - Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

# Sobre a organização

Este Guia Prático “**Escola como ambiente intercultural: fortalecendo práticas educativas para a sensibilidade às diferenças na educação básica**” está organizado da seguinte maneira:

1. Por que e para que devemos ter uma escola intercultural?
2. Das trilhas abertas, caminhos possíveis
  - 2.1 Estratégias didático-metodológicas para práticas educativas
  - 2.2 Ações no âmbito das práticas escolares
3. Estratégia de formação docente em serviço
4. Lista de recursos didáticos para utilização na Educação Básica

# 01 Por que e para que devemos ter uma escola intercultural?

Diante da atual configuração política, social e econômica brasileira, em que presenciamos a intolerância flertando com a barbárie em diversas práticas de violências, estamos, aqueles que acreditam no potencial social da educação, em estado de alerta. As tentativas de deslegitimação das minorias sociais e das suas lutas, o nacionalismo agressivo, o fanatismo religioso e político, a defesa do armamento civil e as tecnologias que fomentam os

discursos de ódio e fake News, crescentes nos últimos anos, têm ameaçado fortemente a democracia (CHARLOT ET AL, 2021). Isso, a considerar os efeitos e desdobramentos cotidianos na dinâmica social, tem **tensionado as instituições e o imaginário social** e posto a escola, enquanto instituição educacional, em situação desafiadora.

A despeito desses últimos agravantes, há muito, parece consensual nas teorizações educacionais o discurso sobre a necessidade de se reinventar a educação e a escola. É notável o anacronismo entre o universo simbólico que ainda pauta as práticas escolares e as condições societárias contemporâneas que, cada vez mais, impõem novas necessidades educacionais. Isso não significa, de modo nenhum, um desejo de adaptação pura e simples aos novos tempos, mas sim, a exposição da necessidade de se construir e/ou fortalecer um novo instrumental teórico e prático que subsidie a oferta de espaços e tempos de ensino-aprendizagem significativos e desafiantes para os contextos sociopolíticos e culturais atuais e as inquietudes das crianças, jovens e adultos que frequentam as escolas brasileiras.

**“ Não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do *contexto* em que se situa.”** (CANDAUI, 2010, p. 13)



Essa afirmação é basilar na discussão que delineamos a partir desse momento e sustenta as reflexões sobre a íntima relação entre escola e cultura(s). Partir desse ponto, nos demanda aguçar o olhar sobre e com a dinâmica cultural dos diferentes contextos locais e da relação com o global como condição *si ne qua non* para pensar uma educação comprometida com a democracia efetiva.

Isso porque, ainda conforme a autora supracitada, é impossível se conceber uma

experiência pedagógica “desculturalizada”, desvinculada da complexa teia de valores e sentidos que permeiam as diferentes sociedades. Não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade e, particularmente, do momento histórico em que se situa. No cumprimento de sua função social fundamental, qual seja, a viabilização do acesso ao patrimônio cultural produzido pela humanidade às novas gerações, a escola e os espaços de formação docente encontram-se na condição privilegiada de fomentar, através de suas práticas, a constituição de identidades afins a um projeto de sociedade de acordo com determinados aspectos sociais e culturais.

Diante dos diversos condicionantes aos quais está submetida, geralmente o faz em direção àquele que se apresenta hegemônico no contexto em que se encontra. Assim sendo,

não se pode falar numa educação neutra. Ela remonta, inexoravelmente, os ideais de grupos dominantes, que se sobrepõem aos demais e educa, forma os sujeitos sob as perspectivas desses grupos. Obviamente, as intenções da educação, anunciadas ou não, buscarão introduzir as novas gerações no contexto social mais amplo, a partir dos valores que garantem a manutenção da lógica conveniente a esses grupos. As interpretações críticas da educação, sejam no âmbito da Filosofia ou da Sociologia, denunciam assim, que, na sociedade de classes, os grupos econômica e politicamente dominantes possuem o poder cultural e seus saberes, valores e sentidos são socializados por meio de experiências vividas.

Sejam elas formais ou não, intencionais ou não, experiências se efetivam nas relações culturais que se estabelecem na vida social, nas

interações entre os sujeitos, constituindo um processo contínuo e complexo de formação de sua subjetividade, de suas identidades. Conforme Le Breton (2016), vivemos uma **experiência sensível do mundo e a todo instante a existência implica a unidade dos sentidos e interfere nas nossas interpretações do mundo.**

As percepções sensoriais impregnam o indivíduo em toda evidência [...]. Os sentidos trabalham conjuntamente a fim de tornar o mundo coerente e habitável. Não são eles que decifram o mundo, mas o indivíduo, através de sua sensibilidade e de sua educação. As percepções sensoriais o colocam no mundo, mas ele é seu mestre de obra. Não são os olhos que enxergam, nem seus ouvidos que escutam, nem suas mãos que tocam; ele está todo inteiro em sua presença no mundo, e os sentidos se misturam a todo instante ao seu sentimento de existir. (p. 58-59).

No contexto político cultural brasileiro e global contemporâneo, marcado hegemonicamente por relações em que as diferenças são traduzidas em desigualdades, violências e injustiças, a tendência tem sido perpetuar a lógica da sociedade de classes. As teorizações pós-críticas têm avançado suas análises para compreender que, mesmo no contexto de sociedades capitalistas, em que ainda prevalecem as divisões de classe e o domínio dos que detém o poder econômico, se percebem outros grupos como politicamente dominantes. Isso, em linhas gerais, marca o processo de complexificação da sociedade contemporânea, a compressão espaço-tempo, as relações sociais em que o global se sobrepõe ao local, gerando processos de homogeneização cultural e tensões entre as diferenças. Homens, brancos, heterossexuais, de origem europeia e estadunidenses têm

dominado a cena. (HALL, 1997; 2005).

Ainda perpetuam-se profundas desigualdades sociais, econômicas e culturais no mundo. E há também uma consciência mais clara das muitas diferenças. Portanto, estimular na escola, simplesmente, o respeito à diversidade de pensamento e comportamento, pode-se estar legitimando as desigualdades entre as pessoas, que devem ser superadas. É importante que o educador ao trabalhar com valores relacionados com diversidade e igualdade, saiba distinguir a ideia de pessoa diferente com aquela tratada como desigual e, portanto, excluída (CARDOSO, 2014).

Acerca da relação escola e culturas, há um esforço na elaboração de pedagogias que, em linhas gerais, argumentam sobre a necessidade do respeito, da compreensão e do diálogo

com as diferenças. Essa decisão propositiva no âmbito das práticas escolares, de interação com as diferenças, abre o currículo, suas práticas, para a valorização do outro e das culturas em suas singularidades. A intenção, em última instância, é promover, por meio de argumentos e estratégias diversas, experiências que interferem na constituição identitária dos sujeitos para sua sensibilização e atuação no mundo sob a lógica do respeito e da justiça social, afins às sociedades democráticas.

Diante disso, levantamos algumas questões: como pensar/efetivar experiências para o desenvolvimento de um conhecimento sensível e sensibilizante às diferenças num contexto que carrega a herança de processos educacionais que reduzem a formação ao desenvolvimento cognitivo e a aprendizagens sistemáticas de saberes produzidos por grupos

hegemônicos? É possível pensar/materializar uma educação com as culturas sem pensar uma educação com o corpo? Que experiências com propósitos de afetar as sensibilidades discentes para as diferenças têm sido empreendidas como práticas escolares? De que maneira discentes sentem e percebem essas práticas materializadas pelas escolas e seu processo de sensibilização às diferenças?

Essas questões orientam nossas preocupações, no sentido de conceber a escola enquanto espaço-tempo em que as culturas se encontram, constituindo, assim, o laboratório vivo de experiências interculturais.

Mediados pedagogicamente para uma sensibilização às diferenças, esses encontros são potência para o fortalecimento de uma educação democrática. Quando não, invisibili-

zados e silenciados, esses encontros podem gerar conflitos e favorecer as hierarquias que marcam as sociedades de classes e reproduzem o status quo do atual contexto sociopolítico.

**Decidamos pela perspectiva que nos salva, enquanto humanidade planetária.** A pedagogia intercultural é, antes de tudo, uma decisão política, que nasce no sujeito e se fortalece no coletivo da práxis.



# 02 Das trilhas abertas, caminhos possíveis

## 2.1 Estratégias didático- metodológicas para práticas educativas

A diversidade cultural é um fato no contexto brasileiro, ou seja, por mais que queiramos negá-la, ela ficará sempre em evidência, principalmente no ambiente escolar. A escola ainda tem muita dificuldade de lidar com a diversidade, pois, a sociedade brasileira ainda está muito arraigada numa visão monocultural, onde o diferente

geralmente é excluído e menosprezado no contexto social (CANDAUI,2005). Essa visão adentra o contexto escolar, e influencia diretamente no trabalho que é desenvolvido.

Assim, pode-se afirmar que, trabalhar a diversidade cultural nas escolas brasileiras é um desafio. Os dados das nossas pesquisas sinalizam que apesar dos desafios, professores e professoras tem construído caminhos para a sensibilização às diferenças.

No contexto das turmas, séries, grupos e comunidades escolares pesquisadas, identificamos como possíveis e com resultados positivos na avaliação de estudantes para a sua sensibilização às diferenças, as seguintes estratégias:

## Intervenção em situações de preconceito em sala de aula

No curso das relações interpessoais e intergrupos, expressões e práticas de preconceitos e violências podem aparecer de diferentes maneiras. É fundamental que o/a agente educacional presente na cena, seja docente ou membro da equipe de gestão escolar, faça a intervenção em defesa da vítima. **Interromper discursos de ódio, expressões, sexistas, racistas, machistas, LGBTfóbicas, capacitistas ou opressoras de qualquer diferença, é tarefa fundamental para que a escola se anuncie e se apresente como ambiente seguro para as minorias sociais e educativos para sujeitos e práticas opressoras.** A intervenção precisa ser assertiva, indicar a violência presente em práticas e expressões já naturalizadas socialmente. Atentar para a “violência recreativa”, disfarçada de piadas e “brincadeiras”. Viabilizar o olhar para a vítima. Indicar o equívoco e, se possível, já naquele instante, a ancoragem social que sustenta o preconceito manifestado.

## Projetos temáticos desenvolvidos de forma transversal ao componente curricular

Ações planejadas para debater preconceitos e violências já instauradas socialmente ganham força quando recebem abordagem multidisciplinar. **Diferentes componentes curriculares podem tratar de um mesmo tema de forma transversal, ampliando a possibilidade de compreensão e a percepção da complexidade dos efeitos das intolerâncias.** Assim como também ampliam a percepção sobre outras lógicas, valores e práticas que viabilizam interações respeitosas com e entre as diferenças, o olhar crítico, criativo e amparado na justiça social. Os temas transversais podem ser escolhidos a partir de temáticas que docentes e gestores percebem como problemáticas no contexto de suas turmas e grupos. Estudantes podem ser convidados a sugerirem temas. No contexto de cada componente curricular, docentes podem tratar da especificidade de seus objetos de conhecimento de forma contextualizada, vinculada à realidade e com mais sentido para os/as discentes.

É importante salientar que há possibilidade de tratarmos das diferenças culturais de modo transversal em todos os componentes curriculares, nas diferentes áreas de conhecimento. Quanto mais o/a docente se apropria de seus objetos de conhecimento e entende a sua conexão com a vida

prática, irá despertar possibilidades de temáticas e ações didáticas. O foco é mostrar um mundo além do que se apresenta hegemônico. Dar visibilidade às expressões, saberes, culturas e sujeitos que estão posicionados socialmente como minorias políticas, com menor acesso a bens sociais e como alvos de violências e preconceitos. **Desnaturalizar hierarquias de poder e viabilizar a percepção do valor do Outro (social e individualmente).**

## Projetos temáticos de forma interdisciplinar com outros componentes curriculares

Seguindo a perspectiva das ações educativas com temas transversais no contexto de cada componente curricular, citado no item anterior, é possível potencializar a abordagem da temática ao colocarmos o viés de diferentes campos de conhecimento em diálogo, desenvolvendo ações em parceria, valorizando a aprendizagem complexa, tal como a vida se nos apresenta. Um projeto temático interdisciplinar pode se desenvolver entre componentes curriculares de uma mesma área ou de áreas diferentes. Para tanto, é importante o diálogo entre docentes, espaços para trocas de experiências e a viabilização de um planejamento coletivo e compartilhado entre docentes que atuam numa mesma série/turma e entre a equipe docente de modo geral. Para liderar esses projetos,

a atuação de docentes experientes com temáticas sociais pode ser muito positiva, pois, como estamos tratando da sensibilização, podemos considerar que quanto mais tempo e experiência tratando, estudando, tematizando a diversidade cultural, mais esse sujeito está com sua percepção aguçada para perceber as problemáticas e possibilidades de criar caminhos para a sensibilização de outros. A lógica que pode ser adotada é: quem vê mais, auxilia quem está começando a ver. Quem já sabe correr, auxilia quem está começando a andar. Assim, criamos um ambiente coletivo e cooperativo fundamental à experiência democrática.

## Trabalhar temas interculturais nas aulas

O trabalho com temas interculturais também é potente para a sensibilização de discentes quando realizado em aulas ou momentos temáticos pontuais. Docentes de diferentes componentes curriculares ou gestores podem desenvolver ações pontuais com temas específicos. **Essas ações ganham bastante sentido e ressonância entre docentes, quando se comunicam com temáticas que são problemáticas na experiência de vida deles**, seja no contexto escolar, na vida social, nas interações virtuais, etc. Temas como gênero, LGBTfobia, diversidade de gênero, diversidade étnico-racial, racismo, imagem corporal, capacitismo, dentre outros, repercutem muito bem com o público

estudantil. E as ações pontuais que debatem esses temas com amparo crítico, contextualizado e possibilidade de discussão, expressão e ressignificação de opiniões ressoam, positivamente, na ampliação da percepção das diferenças e mudança de atitudes para interações mais respeitadas com as diferenças.

## **Presença e discussão sobre diversidade cultural na sala de aula e na escola**

Apresentar a diversidade no contexto das práticas educativas, da abordagem dos conhecimentos, na organização das festas escolares, das imagens expostas em decorações e materiais didáticos, nas músicas, nas celebrações e formas de celebrar são formas de trazer a diversidade para a escola. Importante, para amparar essa escolha das representações, imagens e práticas, atentar para as matrizes étnico-raciais, de gênero, religião, imagem corporal, condição física etc. que ancoram e/ou fundamentam essas expressões. A diversidade está não só na imagem ou na forma, mas no fundamento das práticas. Uma escola intercultural crítica questiona as festividades tradicionais pautadas numa única matriz religiosa, ou étnica. Está atenta aos valores que orientam a comunidade na qual a escola está inserida. Problematiza e propõe formas outras de se organizar e interagir com

estudantes. Entende que todas as práticas são educativas e decide, seleciona conteúdos, imagens e práticas que representam a diversidade de grupos, sujeitos e culturas que se expressam no contexto local e global. Além disso, abre espaço para que os estudantes também participem e até protagonizem essas escolhas.

## Apresentar autores, sujeitos, grupos e culturas que representam a diferença no contexto das práticas educativas

Oferecer espaço para o conhecimento, contato e diálogo com autores, sujeitos e grupos que representam as minorias de poder **é fundamental como estratégia de amplitude da percepção do mundo**. Conhecer a experiência do mundo a partir da lógica do Outro, que, muitas vezes, é alguém com quem encontramos identidades, viabiliza desestabilizarmos conceitos e interpretações já arraigadas socialmente e, muitas vezes, veiculadas como norma, com status de neutralidade. Ampliar o conhecimento do mundo com espaço para saber, ouvir, ler, interagir com experiências não hegemônicas nos permite saber de um mundo vasto, diverso e que precisa se abrir para o Outro e permitir as múltiplas existências e experiências de forma justa, com equidade de direitos e respeito.

## Acompanhamento de situações de bullying, preconceitos e outras violências ocorridos no contexto escolar com membros da comunidade

A partir e considerando sua equipe pedagógica e docente, bem como sua estrutura organizacional, as escolas podem e devem atuar com afinco para resolver de modo educativo situações de cerceamento de direitos causados nas interações pessoais. Para isso, dar voz e realizar a escuta sensível com os sujeitos envolvidos nessa situação é essencial. O objetivo precisa ser **viabilizar que o/a agressor/a perceba a gravidade de sua ação e que as vítimas sejam protegidas, resguardadas e tenham seus direitos de ir e vir, expressar-se e acessar os bens cabíveis naquele contexto assegurados**. A continuidade dessa prática levará agressores a aprenderem o limite de suas ações e tornarem-se vigilantes, bem como viabilizar a justiça social e a cultura de paz no contexto da escola. Em situações mais difíceis de dirimir e quando a legislação indica, faz-se necessário a interlocução com os órgãos competentes. Podemos adotar como orientadora das decisões quanto aos encaminhamentos a frase “ser intolerante com os intolerantes”. Estratégias de como fazer essa apuração e acompanhamento dos fatos podem também ser discutidas e construídas, colaborativamente, com estudantes, famílias, conselho tutelar, grêmios estudantis.

## 2.2 Ações didáticas

Identificamos que diferentes estratégias didáticas são utilizadas por docentes e equipes gestoras no tratamento das diferenças nas escolas. Estudantes deram destaque a experiências que os envolvem de maneira mais integral, que viabilizam o diálogo, o debate, a interação, a produção criativa e a experiência artística por meio de diferentes linguagens da arte, seja como expectadores ou como autores. Apresentamos, a seguir, algumas inspirações que têm se mostrado eficientes no processo de sensibilização para as diferenças na Educação Básica.



Participação e elaboração de exposição fotográfica e de pinturas temáticas;



Participação em mesas de discussão, rodas de conversa, palestras, cursos, gincanas, mostras de filmes, Feiras culturais temáticas, feiras de culinária e oficinas que abordem a temáticas relativos às diversidades;



Diálogos intersubjetivos em que é possível conhecer histórias de vida, desafios e expertises que marcam as trajetórias de sujeitos e grupos socialmente oprimidos;



---

Visitação a museus e a locais de cultura;



---

Participação em sessões de cine debate;



---

Elaboração de banners, confecção de livros, textos, produção de cartazes, maquetes, murais, construção de painéis temáticos e resultados de processos de estudos e experiências pedagógicas;



---

Festivais de talentos: danças africanas e contemporâneas;



---

Produção de textos;



---

Sarau literário e Recital  
de poesia;



---

Desfiles simbólicos e  
temáticos com produções  
autorais.



# 03 Estratégias de formação docente em serviço

Para fortalecer as escolas como ambientes interculturais, é importante reconhecermos que ela é um artefato social e cultural. A escola existe com gente, sujeitos humanos, de valores e culturas, imersos em complexos e contraditórios contextos. Há que se reconhecer que os valores hegemônicos que marcam o tempo presente e as culturais ocidentais nos países colonizados carregam a heranças das tradicionais hierarquias de poder que, historicamente, tem cerceado

direitos de alguns grupos, em detrimento de outros. E essa é uma herança histórica que nos antecede enquanto geração. Aprendemos o mundo a partir dessa lógica hierárquica e, a depender de nossa história pessoal e de como nos foram apresentadas ou até omitidas, essas relações, vamos constituindo nossos sistemas de percepção e interação com o outro.

Assim, devemos acolher com maturidade

a possibilidade de termos nas escolas, docentes e profissionais, de diferentes áreas do conhecimento, ainda que com elevados graus de formação, que reproduzem e atualizam sistemas de opressão, preconceitos e violências. Há ainda aqueles que pautam o ensino em conhecimentos técnicos e entendem uma suposta neutralidade de sua prática. **Esses não precisam ser julgados, ou excluídos, mas o perfil de suas práticas precisa ser problematizado no contexto escolar de modo qualificado, crítico, multidisciplinar e, se possível, em diálogo com órgãos e instituições sociais que permitam o reconhecimento da origem histórica do preconceito, bem como da naturalização social de certas práticas de violências e discursos de ódio.**

Da suposta “neutralidade do conhecimento”, do ensino tradicional, da valorização de uma cultura dita erudita, da supremacia de saberes

técnico instrumentais e da desvalorização de saberes outros, entendemos que se pautam numa matriz epistemológica que precisa e deve ser problematizada e ressignificada entre membros da comunidade escolar.

É importante que equipes gestoras, em parceria com docentes mais experientes no tratamento de temas relativos às diversidades e com apoio e incentivo das secretarias de ensino, possam montar equipes multidisciplinares para debater esses temas e compreender juntas como as diversidades se apresentam na escola e afetam as interações dentro e fora dela. É preciso que esse grupo se apoie e se abra ao diálogo respeitoso e ancorado em referenciais teóricos que possibilitem a abertura da compreensão e a elaboração de práticas outras, atentas às diversidades e à promoção do respeito e da justiça.

Ademais, é importante que esse grupo elabore e promova estratégias para concretizar entre si experiências que permitam a abertura dos sentidos. Olhar a diferença, ouvir a diferença, falar para e com a diferença, tocar e saborear a diferença, considerando com bastante atenção aquelas e aqueles que representam as margens sociais, os não brancos, não masculinos, não heterossexuais, não “cultos”, não “normais”.

Uma escola intercultural não se faz a partir de um indivíduo, mas de um coletivo. Não se faz com informações teóricas e prescritivas, mas com experiências, vivências, diálogo com os sujeitos, as comunidades, com as práticas sociais, com as práticas subjetivas, com disposição para debater e ressignificar histórias de vida pessoais e coletivas, histórias contadas por outros e histórias contadas por lógicas de outros, abrindo espaços para que as multiplicidades de sujeitos

e grupos, em suas singularidades e diferenças possam se expressar, criar e contar suas próprias histórias.

Portanto, o investimento na formação de professores, sobretudo na formação continuada, deve ser crescente e possui o importante papel de formar docentes para atuar com a diversidade cultural presente no contexto brasileiro.

Esta formação deve possibilitar ao docente uma teoria diferenciada da eurocêntrica, preparando-os para lecionar aos estudantes multiculturais, com métodos, materiais e currículos contextualizados. Formar profissionais, comprometidos efetivamente com a educação. Uma educação para todos, como preconiza a legislação brasileira, que abarque todos os cidadãos. (Kadlubitski, 2010, p.143)



O cotidiano escolar permeado por uma educação inclusiva crítica, possibilita a valorização e preservação da diversidade cultural e a sala de aula passa a ser o lugar onde as vivências e estudos sobre as diferentes culturas, podem fazer a diferença, para educar o ser humano na e para diversidade e com isso, superando a discriminação.

Dessa forma, é importante a presença na formação docente de saberes críticos sobre a formação do povo brasileiro e sua diversidade

cultural. A professora, o professor precisam ir além das leituras sobre a própria cultura, para compreender o ser em relação com outrem (FREIRE, 1982). Para tanto, **é necessário um currículo de formação docente que seja permeado por saberes sobre a diversidade cultural, potencializando o professor e a professora para avaliar quais conhecimentos estão incluídos e quais estão excluídos nos currículos escolares e a favor de quem e contra quem tais conhecimentos estão direcionados.**



# 04 Lista de recursos didáticos para utilização na Educação Básica

A seguir, apresentamos uma lista de produções que podem ser utilizadas para subsidiar práticas educativas para a sensibilização às diferenças. Trata-se de uma pequena amostra, com caráter de sugestão. Vale salientar que a internet constitui um ambiente rico de informações a respeito das temáticas relativas às diferenças e buscas apuradas podem revelar materiais muito ricos.





## 4.1 Canais do Youtube sobre a diversidade:

### 1. Diversidades USP;

<https://youtube.com/@diversidadesusp3874>

### 2. Amor além da diversidade;

<https://www.youtube.com/@amoralemdiversidade>

### 3. Descomplicando a inclusão;

<https://www.youtube.com/@Descomplicandoainclusao>

### 4. Canal girassol;

<https://www.youtube.com/@canalgirassol>

### 5. Inclusão na lata;

<https://www.youtube.com/c/InclusãonaLata>

### 6. Cadeirante em ação;

<https://www.youtube.com/@cadeiranteemacao>

### 7. Quintal TV - Inclusão;

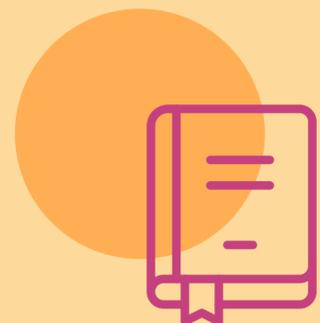
<https://www.youtube.com/@canalfuturaorgbr>

### 8. Visurdo;

<https://www.youtube.com/@andreiborges11>



Clique no texto  
e acesse os links.



## 4.2 Livros para a formação docente:

- **Inclusão escolar: o que é? por que? como fazer?**  
Autora: Maria Teresa Mantoan
- **Sociedade Inclusiva: Quem Cabe no Seu Todos?**  
Autora: Claudia Werneck
- **O cérebro autista - pensando através do espectro**  
Autores: Temple Grandin e Richard Panek
- **Como empoderar pessoas com deficiência**  
Autor: Alex Duarte
- **Pequeno manual antirracista**  
Autora: Djamila Ribeiro
- **Como ser um educador antirracista**  
Autora: Bárbara Carine Soares Pinheiro
- **Educando crianças antirracistas**  
Autora: Bárbara Carine Soares Pinheiro
- **Para educar crianças feministas: um manifesto**  
Autora: Chimamanda Ngoze Adichie
- **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**  
Autora: Guacira Lopes Louro



## 4.3 Livros infanto-juvenis

### Transtornos mentais e globais do desenvolvimento

- **Gibito e o infinito**

Autor: André Comanche

- **Coleção Superpoderes**

1. O Mistério da Sala de Aula: Um Livro sobre PHDA

2. O Projeto Vencedor: Um Livro sobre Autismo

3. O Desafio do Mapa: Um Livro sobre Dislexia

4. Um Dia em Grande: Um Livro sobre Ansiedade

Autora: Tracy Packiam Alloway

- **Leo e o polvo**

Autora: Isabelle Marinov

- **Coleção quem sou eu**

Autora: Mariana Reade

- **Uma mente diferente**

Autora: Natasha Meschiatti

- **Meu amigo faz iiiii**

Autora: Andréa Werner

- **A nossa pele arco-íris**

Autora: Manuela Molina Cruz

- **Martim**

Autora: Alaine Agirre

- **Joca e Dado: uma amizade diferente**  
Autores: Henri Zylberstajn e La Casa de Carlota
- **Menino baleia**  
Autores: Lulu Lima e Natália Gregorini
- **As aventuras de um cão chamado Petit**  
Autoras: Heloisa Prieto e Maria Eugênia
- **O Pinguim Azul**  
Autora: Michelly Gassmann

### **Cultura Afro-brasileira**

- **Amoras**  
Autor: Emicida
- **Aventureira Marielle e o dia da fotografia**  
Autoras: Nuna e Lala Berekai

- **O que há de África em nós**  
Autores: Walter Fraga e Wlamyra R. de Albuquerque
- **E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas**  
Autor: Emicida
- **Diálogos feministas antirracistas (e nada fáceis) com crianças**  
Autora: Bianca Santana
- **A pele que eu tenho**  
Autora: Bell Hooks
- **Formas e cores da África**  
Autores: Mércia Maria Leitão e Neide Duarte Sulwe  
Autora: Lupita Nyong'o

- **O Sol desapareceu. Será que foi roubado?**  
Autora: Paula Cardoso
- **Caminhos de uma escrava da África a Sergipe**  
Autora: Luciano Ferreira
- **Porque é que as pessoas são de cores diferentes?**  
Autores: Christopher Mccurry e Emma Waddington
- **Raízes Negras**  
Autoras: Lúcia Vicente e Gilda Barros
- **O Mundo no Black Power de Tayó**  
Autora: Kiusam de Oliveira
- **Histórias da preta**  
Autora: Heloisa Pires Lima
- **As Brincadeiras Africanas de Weza**  
Autora: Sheila Perina de Souza
- **Pequenas vidas pretas importam**  
Autor: Kodi Dill
- **O Menino Marrom**  
Autor: Ziraldo Alves Pinto e Ziraldo
- **Ei, você!: Um livro sobre crescer com orgulho de ser negro**  
Autor: Dapo Adeola
- **Sinto o que sinto: e a incrível história de Asta e Jaser**  
Autor: Lázaro Ramos
- **Quinzinho**  
Autor: Luciano Ramos
- **Diário de Pilar na África**  
Autora Flávia Lins e Silva

## Papel de gênero

- **Homens choram**  
Autor: Joan Turu
- **Princesas escalam montanhas?**  
Autora: Rafaela carvalho
- **Malu brinca de que?**  
Autora: Nanda Mateus e Raphaela Comisso
- **Todos Fazemos Tudo**  
Autora: Madalena Matoso
- **Esta é Sílvia Jeanne**  
Autores: Willis e Tony Ross
- **Malala, a menina que queria ir para a escola**  
Autora: Adriana Carranca

- **Viva as unhas coloridas!**  
Autores: Alicia Acosta, Luis Amavisca, e outros.
- **Adivinha quanto eu te amo**  
Autor: Sam McBratney

- **BFF Futebol Clube**  
Autora: Emília Nuñez e Ana Paula Azevedo
- **A Banda das meninas**  
Autora: Emilia Nuñez

## Papel de gênero

- **Her Body Can (O corpo dela pode)**  
Autora: Katie Crenshaw e Ady Meschke.
- **Nosso corpo é demais!**  
Autoras: Tyler Feder e Laura Folgueira

- **Todos os Corpos São Especiais**

Autora: Beth Cox

## LGBTQIA+

- **Leca**

Autora: Letícia Carolina Nascimento

- **O casamento do meu tio**

Autora: Sarah S. Brannen

- **O Jaime é uma Sereia**

Autora: Jessica Love

- **O Jaime no casamento**

Autora: Jessica Love

- **Pode Pegar!**

Autora: Janaína Tokitaka

- **Olívia tem dois papais**

Autora: Márcia Leite e Taline Schubach

## Respeito às questões de diferenças

- **Todos Juntos!**

Autora: Daniela Kulot

- **Do jeito que você é**

Autor: Walter Sagardoy

- **O grande e maravilhoso livro das famílias**

Autores: Mary Hoffman e Ros Asquith

- **O menino que gostava de toda a gente**

Autora: Jane Porter

- **Liz e seus amigos - o poder da inclusão**

Autora: Thiago da Silva Krening e Daniel Brandão

- **Menino, Menina**  
Autora: Joana Estrela
- **O Livro da Família**  
Autor: Tood Par
- **Elmer, o elefante xadrez**  
Autor: David McKee
- **No Meu Bairro**  
Autora: Lúcia Vicente
- **Tudo bem não ser igual: cada um é único e especial**  
Autoras: Roselaine Pontes de Almeida e Michelle Duarte
- **Os 4 distintos**  
Autores: Gustavo Bartolozzi e Rômulo Garcias
- **Qual é a sua forma**  
Autora: Liliane Mesquita
- **DIVERSIDADE**  
Autora: Tatiana Belinky
- **Vivinha, A Baleiazinha**  
Autora: Ruth Rocha
- **Ninguém É Igual a Ninguém**  
Autoras: Regina Coeli Rennó e Regina Otero
- **Tudo bem ter espinhos**  
Autora: Nastya Ryabtseva
- **O Jeito de Cada um - O Respeito à Diversidade**  
Autor: Edson Gabriel Garcia
- **Tudo bem ser diferente**  
Autor: Todd Parr

● **Diferentes sim, desiguais, jamais!**  
Autores: Mario Sergio Cortella e Paulo Jeballi

● **Uniforme**  
Autores: Tino Freitas e Renato Moriconi

● **O gato xadrez**  
Autora: Isa Mara Lando

● **Álbum de Famílias**  
Autora: Susana Amorim

● **Eu, o Meu Pai e o Fim do Arco-íris**  
Autor: Benjamin Dean

● **Lápis novos para todos os povos**  
Autor: Jonas Ribeiro

### **Pessoa com deficiência física e capacitismo**

● **Ser Diferente é Legal**  
Autora: Juliana James

● **Não Somos Anjinhos**  
Autor: Gusti

● **O menino e a gaivota**  
Autora: Ana Paula de Abreu

● **Dorina viu**  
Autora: Cláudia Cotes

● **Flor de Maio**  
Autora: Maria Cristina Furtado

● **Quem Disse que Eu Não Vou Conseguir?**  
Autor: Marcos Ribeiro

● **Rodrigo Enxerga Tudo**  
Autor: Markiano Charan Filho

- **Extraordinário**  
Autora: R.J. Palacio
  - **Eu Falo Como um Rio**  
Autor: Jordan Scott
  - **Yunis**  
Autores: Amal Naser e Anita Barghigiani
  - **Por que Heloísa?**  
Autores: Cristiana Soares e Ivan Zigg
  - **Canarim – um passarinho especial**  
Autora: Magali Queiroz
  - **Somos iguais, mas diferentes**  
Autoras: Laís Palma Elsing e Luciana Romão
  - **Rodas, pra que te quero!**  
Autora: Angela Carneiro
  - **As Cores no Mundo de Lúcia**  
Autor: Jorge Fernando dos Santos
  - **Daniel no mundo do silêncio**  
Autor: Walcyr Carrasco
  - **Serei Sereia?**  
Autora: Kely de Castro
  - **E Não É Que Eu Ouvi?**  
Autora: Lak Lobato
  - **CAPAZ**  
Autora: Emília Nuñez
- Povos originários**
- **O pássaro encantado**  
Autoras: Eliane Potiguara e Aline Abreu

- **Os olhos do Jaguar**  
Autores: Yaguarê Yamã e Rosinha
- **Tapajós**  
Autor: Fernando Vilela
- **Guayarê: o menino da aldeia do rio**  
Autor: Yaguarê Yamã
- **Descobrimo o Xingu Marco**  
Autores: Antonio Hailer e Juliana Basile
- **Aldeias, palavras e mundos indígenas**  
Autora: Valéria Macedo
- **Apuka Maria**  
**Autora: J. Maltese**  
**Kunumi Guarani**  
Autores: Wera Jeguaka Mirim e Gilberto Miadaira

- **Uxé**  
Autora: Ana Crespo
- **Diário de Pilar na Amazônia: urgente**  
Autora: Flávia Lins e Silva

### **Xenofobia**

- **Amanhã**  
Autora: Lúcia Hiratsuka
- **Uma escola assim, eu quero para mim**  
Autor: Elias José

### **Questões ambientais**

- **Ninguém é pequeno demais para fazer a diferença: O chamado de Greta Thunberg para salvar o planeta**  
Autora: Jeanette Winter

- **Meninos do Manguê**

Autor: Roger Mello

- **Diário de Pilar na Amazônia: urgente**

Autora: Flávia Lins e Silva

### **Sexualidade e infância**

- **Como se fazem os bebês**

Autora: Rachel Greener

### **Sensibilidade para lidar com sentimentos na infância**

- **Tom**

Autora: André Neves

- **O Menino Perfeito**

Autora: Bernat Cormand e Dani Gutfreund

- **Dias Felizes**

Autor: Bernat Cormand

- **Cor-de-Margarida**

Autora: Capicua

- **Se Deus me chamar não vou**

Autora: Mariana Salomão Carrara

- **O coelho escutou**

Autor: Cori Doerrfeld

- **Os amigos que moravam em potes**

Autora: Beatriz Singer

- **O dinossauro que sentia...**

Autora: Dani Machado

- **Vazio**

Autora: Anna Llenas

## Diversidade Religiosa (matriz africana)

- **Exu**  
Autor: Tarcisio Ferreira
- **Conhecendo os Orixás: De Exu a Oxalá**  
Autor: Waldete Tristão
- **Caboclo Tupinambá: e a aldeia: 2**  
Autor: Vinicius Galhardo
- **Julia: no Jardim dos Orixás**  
Autor: Thiago Pugliesi Carvalho
- **Oyá: ventos ancestrais**  
Autor: Tarcisio Ferreira
- **Oyá: A mãe que não abandona os filhos**  
Autora: Andressa Cabral

- **Ogum: O inventor de ferramentas**  
Autor: Luiz Antonio Simas



## 4.4 Músicas que exaltam a diferença e a diversidade cultural brasileira

 Clique no texto e acesse os links.

### 1. A carne

Composição: Seu Jorge / Marcelo Yuka / Ulisses Cappelette

<https://www.lettras.mus.br/elza-soares/281242/>

### 2. Reconvexo

Composição: Caetano Veloso

<https://www.lettras.mus.br/maria-bethania/47242/>

### **3. Histórias Para Ninar Gente Grande**

Composição: Danilo Firmino / Deivid Domênico / Mamá / Márcio Bola / Ronie Oliveira / Tomaz Mi-randa.

<https://www.lettras.mus.br/wantuir/historias-para-ninar-gente-grande/>

### **4. Aquarela Brasileira**

Composição: Silas De Oliveira.

<https://www.lettras.mus.br/martinho-da-vila/265569/>

### **5. Filhos de Gandhi**

Composição: Gilberto Gil.

<https://www.lettras.mus.br/gilberto-gil/556776/>

### **6. Linha de Passe**

Composição: Aldir Blanc / João Bosco / Paulo Emilio.

<https://www.lettras.mus.br/joao-bosco/46524/>

### **7. Para todos**

Composição: Geraldo Azevedo.

<https://www.lettras.mus.br/gerald-azevedo/277431/>

### **8. Miscigenação do Boi Garantido**

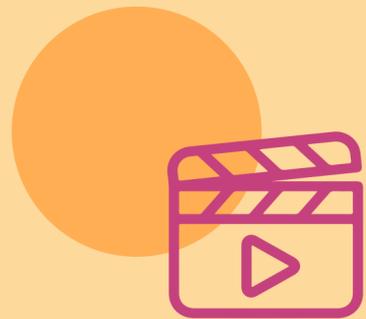
Composição Eneas Dias / Arisson Mendonça

<https://www.lettras.mus.br/garantido/1826417/>

### **9. São Salvador**

Composição: Dorival Caymmi

<https://www.lettras.mus.br/dorival-caymmi/356576/>



## 4.5 Filmes/documentários/séries

### **Extraordinário (2017)**

Diretor: Stephen Chbosky

### **Colegas (2012)**

Diretor: Marcelo Galvão

### **Shrek (2001)**

Diretores: Andrew Adamson · Vicky Jenson

### **Curta-metragem Cordas (2014)**

Diretor: Pedro Solís García

### **AmarElo – É Tudo Pra Ontem (2020)**

Diretor: Fred Ouro Preto

### **Eu me importo (2020)**

Diretor: J Blakeson

### **O Escândalo (2019)**

Diretor: Jay Roach

### **Sobre Rodas (2017)**

Diretor: Mauro D'Addio

### **Deserto Particular (2021)**

Diretor: Aly Muritiba

### **Hoje Eu Quero Voltar Sozinho (2014)**

Diretor: Daniel Ribeiro

**M8 – Quando a morte socorre a vida (2019)**

Diretor: Jeferson De

**Como ela faz? (2021)**

Diretora: Tatiana Villela

**Nokun Txai – Nossos Txais (2019)**

Diretor: Sérgio de Carvalho

**Crip Camp: Revolução pela Inclusão (2020)**

Diretores: Nicole Newnham, James Lebrecht

**Bimi Shu Ikaya (2018)**

Diretores: Isaka Huni Kuin e Siã Huni Kuin

**Como eu era antes de você (2016)**

Diretora: Thea Sharrock

**Special (2006)**

Diretores: Hal Haberman e Jeremy Passmore

**Tamara (2018)**

Diretora: Elia Schneider

**A pessoa é para o que nasce (2004)**

Diretor: Roberto Berliner

**A Vida dos Sonhos de Georgie Stone (2022)**

Diretora: Maya Newell

**Ela é o cara (2006)**

Diretora: Andy Fickman

# Referências

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica.**

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa e CANDAU, Vera Maria (Orgs.) **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** 4 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

CARVALHO, Marília Menezes Nascimento Souza. **Por uma educação sensível às diferenças: possibilidades para redesenhar a experiência da formação docente em educação física.** 2023. 148 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

CHARLOT, Bernard et al (Orgs.). **Por uma educação democrática e humanizadora.** Volume 1. Dados eletrônicos. São Paulo: UniProsa, 2021. Disponível em: <https://movinovacaonaeducacao.org.br/wp-content/uploads/2021/09/por-uma-educacao-democratica-e-humanizadora.pdf> Acesso em: 10 jan. 2025.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo.** Educação & Realidade, Porto Alegre, vol. 22. jul./dez. 1997. nº 2, p. 15-46.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na Pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu Silva, Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KADLUBITSKI, Lidia; JUNQUEIRA, Sérgio. **Diversidade cultural e políticas públicas educacionais.** Educação Santa Maria, v. 34, n. 1, jan./abr. 2009, p. 179-194. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>, acesso em: 15/03/22.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** 2.ed. tradução de Sonia M. S. Furmann. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Antropologia dos Sentidos.** Tradução Francisco Morás. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul.** 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

# Conheça os autores

**Marília Menezes  
Nascimento Souza  
Carvalho**



Doutora (UFBA) e mestra (USP) em Educação, professora do componente curricular Educação Física no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, desde agosto de 2010. Docente no Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI/UFS). Atua com a Educação Básica e a formação de professores. Desenvolve pesquisas com os temas relativos a Educação Física, currículo, práticas escolares, corpo e cultura, Diversidade cultural. Foi coordenadora do Projeto Laboratório de Experiência Interculturais: docência e sensibilidade às diferenças pelo edital Socialize-se nº 04/2023/UFS e coordenadora do projeto Laboratório de experiências interculturais: desenvolvendo práticas escolares para sensibilidade às diferenças, pelo Edital INOVEEDU nº 12/2024/UFS. O Guia Prático para docentes e gestores “Escola como ambiente intercultural: fortalecendo práticas educativas para a sensibilidade às diferenças na Educação Básica” é um produto de inovação educacional fruto de estudos desses projetos.

# Conheça os autores

**José Américo  
Santos Menezes**

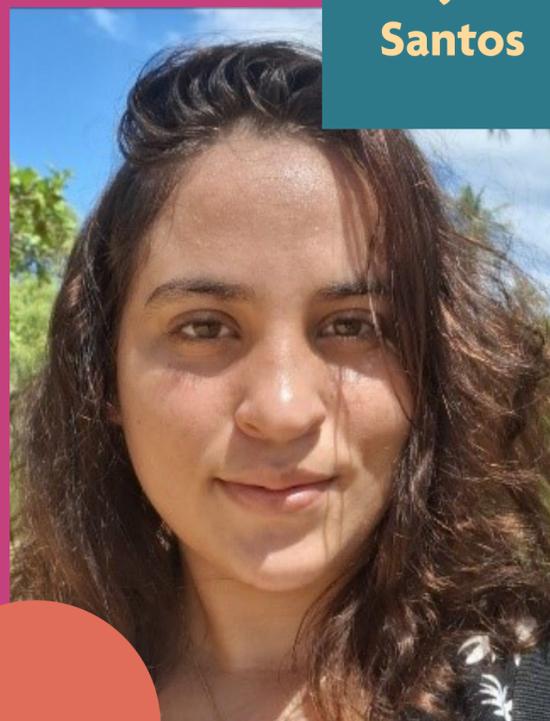


Mestre (UFS) e Doutor (UFBA) em Educação. Professor no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. Docente no Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI/UFS). Coordenador Adjunto no Projeto Laboratório de Experiência Interculturais: docência e sensibilidade às diferenças, pelo edital Socialize-se nº 04/2023/UFS, e coordenador Adjunto do projeto Laboratório de experiências interculturais: desenvolvendo práticas escolares para sensibilidade às diferenças, pelo Edital INOVEEDU nº 12/2024/UFS. Tem experiência com os temas Educação Física Escolar, Infância e Educação, Infância e Cibercultura, Formação de Professores.



# Conheça os autores

**Nayara Ferreira Santos**



Estudante de Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista no projeto Laboratório de experiências interculturais: desenvolvendo práticas escolares para sensibilidade às diferenças, pelo Edital INOVEEDU nº 12/2024/UFS, que culminou com a produção do Guia Prático para docentes e gestores “Escola como ambiente intercultural: fortalecendo práticas educativas para a sensibilidade às diferenças na Educação Básica”. Em 2023 Participou também como bolsista do projeto de Pesquisa com Inovação Social orientado também pela professora Marília Menezes, intitulado “Laboratório de experiências interculturais” (Edital Socialize-se nº 04/2023 da UFS) o qual foi base para esta pesquisa na qual atua como bolsista.

# Conheça os autores

**Ana Maria Matos Santos**



Estudante de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Sergipe. Participou de projeto de pesquisa sobre as causas da evasão no curso de Educação Física da UFS sob a orientação de José Américo Menezes. Foi bolsista voluntária no projeto Laboratório de experiências interculturais: desenvolvendo práticas escolares para sensibilidade às diferenças, pelo Edital INOVEEDU n° 12/2024/UFS.

